

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

ENTRE O SAGRADO E O DESEJO EM “EM NOME DO DESEJO”, DE JOÃO
SILVÉRIO TREVISAN

Mathaus Ramos Maciel dos Santos

Rio de Janeiro 2026

MATHAUS RAMOS MACIEL DOS SANTOS

ENTRE O SAGRADO E O DESEJO EM “EM NOME DO DESEJO”, DE JOÃO SILVÉRIO
TREVISAN

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharelado em Letras no curso
Português/Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Guerreiro B. Losso

Coorientador: Prof. Dr. Lucas Bento Pugliesi

Rio de Janeiro
2026

CIP - Catalogação na Publicação

R236e Ramos Maciel dos Santos, Mathaus
Entre o Sagrado e o Desejo em "Em nome do desejo" de Silvério Trevisan / Mathaus Ramos Maciel dos Santos. -- Rio de Janeiro, 2026.
23 f.

Orientador: Eduardo Guerreiro B. Losso.
Coorientador: Lucas Bento Pugliesi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Literaturas, 2026.

1. sexualidade. 2. cristianismo. 3. homoafetividade. I. Guerreiro B. Losso, Eduardo , orient. II. Bento Pugliesi, Lucas, coorient. III. Título.

Mathaus Ramos Maciel dos Santos

Entre o sagrado e o desejo em “Em nome do desejo”, de João Silvério Trevisan

Aprovada em: 20/01/2026

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Letras na habilitação Português/Literaturas, sob a orientação do Prof. Dr. Eduardo Guerreiro Brito Losso e Prof. Dr. Lucas Pugliesi.

BANCA EXAMINADORA



Orientador: Prof. Dr. Eduardo Guerreiro B. Losso – Nota: 7,0

Documento assinado digitalmente
gov.br LUCAS BENTO PUGLIESI
Data: 20/01/2026 13:29:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Coorientador: Prof. Dr. Lucas Bento Pugliesi – Nota: 7,5



Leitor crítico: Pacelli Alves Dias de Sousa – 6,5

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	4
CAPÍTULO 1 IDENTIDADE E SEXUALIDADE NO SEMINÁRIO.....	7
CAPÍTULO 2 ARQUITETURA DO DESEJO.....	16
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a analisar a interseção entre sexualidade, cristianismo e identidade na obra *Em Nome do Desejo* (2001), de João Silvério Trevisan, tomando como referência os estudos de Michel Foucault sobre sexualidade, poder e subjetividade (1999). O objetivo central é compreender como o romance realiza uma ressignificação crítica do discurso e da imagética cristã, articulando e legitimando experiências homoafetivas em um contexto historicamente marcado pela repressão e pela normatividade religiosa. Dessa forma, a obra transcende a ficção literária para se constituir também como instrumento de reflexão sobre a construção de subjetividades e a invenção de modos de vida dissidentes.

No romance, o seminário aparece como uma instância de produção de subjetividades, responsável por moldar corpos, desejos e afetos segundo um ideal heteronormativo, por meio de regras rígidas, vigilância constante e punições. Mais do que simplesmente conter comportamentos, trata-se de um espaço que organiza e normaliza as experiências dos sujeitos, orientando-os para formas específicas de viver, sentir e desejar. Ao mesmo tempo, esse mesmo ambiente disciplinador cria brechas para o surgimento e a intensificação do desejo, oferecendo condições simbólicas e materiais para que experiências homoafetivas possam se desenvolver. Assim, o seminário se apresenta como um espaço paradoxal: enquanto estrutura e controla, também fornece os elementos simbólicos e afetivos através dos quais o desejo se expressa.

A narrativa de Trevisan constrói-se a partir de uma apropriação criativa da simbologia cristã. Imagens de devoção, pureza e sacrifício são deslocadas do contexto religioso original para o campo do desejo, criando uma linguagem capaz de expressar erotismo e afetividade. Esse processo não surge como oposição ao sagrado, mas dentro dele: o imaginário religioso é transformado em ferramenta de experimentação afetiva, permitindo que o erotismo se articule com a espiritualidade e a dimensão ética da vida dos personagens. Essa reapropriação simbólica oferece, ainda, uma forma de questionar a moral rígida do seminário, mostrando como o imaginário religioso pode ser ressignificado em prol de uma ética do cuidado e do reconhecimento de si.

O romance também se constrói a partir de um constante vaivém entre presente e passado, enfatizando a memória como ferramenta de investigação subjetiva. O narrador revisita sua juventude no seminário, tentando compreender o impacto dessas experiências em sua formação identitária. Essa abordagem evidencia que a identidade sexual não é algo dado, mas construída no encontro entre desejo, memória e normatividade social e religiosa.

A obra de Trevisan, mostra que o amor homoafetivo, longe de ser apenas um impulso reprimido, surge como uma experiência complexa, atravessada pelo medo, pela culpa e pelas tensões morais, mas também por estratégias de sobrevivência e invenção de modos de viver dentro de um espaço hostil.

Isso se torna visível quando Tiquinho comenta sua convivência com outros seminaristas que, assim como ele, ocupavam uma posição ambígua e constantemente vigiada dentro da instituição, sendo alvos recorrentes de hostilidades. Ao se referir a esse pequeno grupo marginalizado, que se autodenominava “Passaradas”, o narrador observa que “a maioria da panelinha estava obcecada pela virtude da pureza, em função da qual viviam se penitenciando, porque tinham especial propensão para o pecado correspondente” (Trevisan, 2024, p. 50). A culpa católica passa a se inscrever nas consciências por meio de rituais cotidianos de autopunição, como rezas feitas de joelhos no chão ou o uso de pedras nos travesseiros, práticas que buscam disciplinar o corpo e controlar o desejo. No entanto, uma vez atravessado o auge desses momentos de penitência:

(...) a Passarada reconhecia, em voz uníssona e por entre suspiros lamentosos, que ‘a carne é mesmo fraca’. Resignadamente, continuavam todos ora sofrendo, ora deliciando-se com o pecado de estar apaixonados - por pensamentos, palavras e, às vezes, por obras. (Trevisan, 2024, p. 50)

O que revela como o dispositivo da culpa não elimina o desejo, mas o reinscreve em um ciclo contínuo de queda, arrependimento e retorno, no qual a vigilância moral convive, de forma tensa e contraditória, com a persistência do afeto e da atração.

Ao mesmo tempo, o romance expõe como práticas disciplinares e vigilância contínua visam moldar os jovens segundo modelos rígidos de masculinidade e comportamento, enquanto atividades físicas e humilhações públicas reforçam hierarquias de gênero e sexualidade. Contudo, essas estratégias de controle acabam por intensificar a força do desejo,

que encontra formas de resistir e se manifestar em espaços de clandestinidade, jogos de intimidade e relações afetivas secretas. Dessa maneira, o romance revela o paradoxo do poder: quanto mais tenta controlar ou normatizar a sexualidade, mais ele cria condições para sua emergência.

Foucault fornece um quadro interpretativo fundamental para compreender esse processo (1999). Ao mostrar que a sexualidade não é um dado natural, mas um dispositivo histórico e produtivo, ele evidencia que o poder proíbe, mas também cria modos de prazer, saberes específicos e formas de constituição da subjetividade, como ele explica:

O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas mas, na realidade, funcionam como mecanismos de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, espreita, espia, investiga, apalpa, revela; e, por outro lado, prazer que se abrasa por ter que escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo. (Foucault, 1999, p.45)

Dessa forma, ao definir normas e expectativas sobre o que é considerado sexualmente aceitável, o poder cria um campo de tensões em que os sujeitos aprendem a se conformar ou negociar sua própria sexualidade.

A distinção entre assujeitamento e ‘tornar-se gay’, apresentada por Foucault em *Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade, 1984* para esclarecer o processo pelo qual o sujeito constrói sua identidade a partir das relações de poder, permite compreender como os personagens do romance experimentam a sexualidade como um campo de invenção, criatividade e construção de si, desafiando normas e criando práticas éticas e afetivas próprias. Nesse sentido, *Em Nome do Desejo* pode ser lido como uma narrativa de resistência e invenção, na qual a memória, o imaginário religioso e a experiência homoafetiva se articulam para produzir novas formas de existência, expressão e identidade.

Capítulo 1: Identidade e sexualidade no seminário

O trabalho se propõe a estudar a interseção entre sexualidade, cristianismo e identidade na obra *Em Nome do Desejo* (2001), de João Silvério Trevisan, utilizando como base teórica o estudo de Michel Foucault sobre sexualidade, poder e subjetividade. O objetivo central é demonstrar como Trevisan realiza uma ressignificação crítica de elementos do discurso e da imagética cristã para articular e validar narrativas e desejos homoafetivos, transformando uma tradição frequentemente repressiva em uma ferramenta de reconhecimento e afirmação identitária.

Para desenvolver esta análise, o trabalho estrutura-se em alguns eixos principais. Primeiramente, sobre a interseção entre sexualidade e cristianismo, aborda-se a compreensão de que o cristianismo historicamente operou não através de uma simples repressão da sexualidade, mas constituindo-a como um dispositivo central para o controle e a produção de subjetividades. Como é exposto na obra de Trevisan, onde, observa-se que o protagonista é repetidamente repreendido em sua trajetória no seminário, justamente por seu modo de viver enquanto sujeito gay. Esses momentos de correção violenta, seja pela palavra, pelo silêncio ou pela punição, ilustram como o seminário opera como uma instância de produção de subjetividades, tentando moldar o protagonista segundo um ideal heteronormativo. Ao mesmo tempo, o próprio espaço do seminário cria as condições para que o desejo surja e se intensifique.

É dentro desse ambiente controlado que a experiência da sexualidade ganha forma e que os personagens encontram brechas para experimentar e viver o desejo de outros modos. Assim, o seminário aparece como um espaço que, paradoxalmente, participa da própria produção das experiências e sexualidades. Essa dimensão produtiva do seminário aparece de forma clara quando o romance descreve o ambiente como um espaço inteiramente atravessado por “mistérios”, como apresentado no trecho:

Naquele tempo, havia mistérios em todos os lugares do Seminário: na capela (onde Deus, que devia ser incomensurável, habitava misteriosamente uma caixinha chamada sacrário) e no dormitório (onde o mistério se encontrava debaixo de cada lençol e de cada pijama, talvez em forma de pecado) (...) Mistérios eram igualmente as ordens que os superiores davam e não podiam ser discutidas, sob pena de se perder a fé - e a fé estava cheia de verdades misteriosas, só conhecidas e reveladas por Deus. (Trevisan, 2024, p. 27)

Esse universo de segredos e zonas interditas cria os próprios espaços simbólicos e materiais nos quais o desejo pode circular. Os “mistérios” do seminário funcionam, assim, como lugares ambíguos onde ao mesmo tempo em que sustentam a autoridade e a disciplina, oferecem também as condições para encontros furtivos/amorosos.

Em seguida, o estudo destaca a estratégia estética empregada por Trevisan. Analisa-se como o autor se apropria de elementos simbólicos, estéticos e linguísticos do cristianismo para forjar uma nova linguagem capaz de expressar o desejo homoafetivo.

Publicado em 1983, *Em nome do desejo*, de João Silvério Trevisan, configura-se como um romance que ultrapassa os limites estritamente literários para se afirmar como um gesto de intervenção cultural e de afirmação identitária. O livro surge em um momento em que o Brasil ainda vivia sob os efeitos da ditadura militar, em um período de transição marcado por um sentimento ambíguo entre o medo persistente da repressão e a expectativa da redemocratização. Publicar, nesse contexto, uma narrativa que abordava de maneira explícita o amor e o desejo entre dois jovens seminaristas significava enfrentar diretamente os limites impostos pelo conservadorismo social e pela censura ainda atuante no país.

Essa dimensão de enfrentamento não é casual na trajetória de Trevisan. Além de escritor, ele se destacou como uma das figuras do ativismo homossexual no Brasil, sendo um dos fundadores do Grupo Somos, criado em 1978, o primeiro coletivo de liberação homossexual do país, e integrante da equipe do jornal alternativo *Lampião da Esquina*, que, entre 1978 e 1981, deu visibilidade inédita a temas ligados à comunidade LGBTQIA+ em um contexto ainda profundamente conservador. É também autor de *Devassos no Paraíso* (1986), obra considerada o estudo mais abrangente e fundamental sobre a história da homossexualidade no Brasil, o que confirma o lugar central que a reflexão sobre sexualidade, identidade e repressão ocupa em sua produção intelectual e literária.

Antes de se tornar uma referência no campo do ativismo e da literatura, Trevisan foi ele próprio seminarista, experiência que, segundo relata em entrevista ao canal *Bookster*, funcionou como uma forma de fuga de um ambiente familiar marcado pelo alcoolismo do pai e por episódios de violência, no qual o próprio pai o humilhava e o chamava de “mariquinha”. Nessa mesma entrevista, ele afirma que sua entrada no seminário só foi possível graças à mãe, que sempre lhe deu apoio e possuía contatos na Igreja, viabilizando esse caminho como uma alternativa concreta de afastamento daquele contexto doméstico

hostil. Em diferentes momentos de sua trajetória, Trevisan retoma essa passagem pelo seminário como uma experiência decisiva, vivida em um contexto profundamente repressivo, marcado pela vigilância constante e pela interiorização da culpa religiosa. Essa vivência deixou marcas profundas em sua escrita, que passa a explorar de forma recorrente os temas do desejo, da culpa, da fé e da religiosidade. Em nome do desejo, nesse sentido, pode ser lido também como uma elaboração literária dessas tensões vividas, nas quais a experiência íntima se transforma em matéria narrativa.

A narrativa do romance se constrói entre o presente e o passado. O narrador, Tiquinho, já adulto, revisita suas memórias da juventude passada em um seminário católico, tentando compreender o que aquelas experiências deixaram nele e de que modo continuam a atravessar sua vida. É uma história contada sob o peso da lembrança e no registro quase confessional de quem retorna a um passado ainda carregado de afeto, dor e ambiguidade. No seminário, ele vive simultaneamente a descoberta do amor e do desejo, em meio a regras que procuram reprimir qualquer manifestação do corpo. Esse ambiente quase claustrofóbico funciona como um microcosmo de uma sociedade mais ampla, igualmente conservadora, religiosa e controladora. Fora dos muros do seminário, estende-se um mundo aparentemente livre, mas ainda profundamente marcado pela hostilidade e pela repressão moral.

Dentro da instituição, os jovens são educados sob a promessa de salvação por meio de uma transformação interior, aprendendo não apenas a se adaptar às exigências do espaço religioso, mas também a se preparar para enfrentar um mundo exterior percebido como perigoso e moralmente corrompido. É nesse cenário de disciplina e vigilância que o desejo ganha forma e intensidade.

Por causa da baixa estatura e das sardas no rosto, que lembravam o passarinho tico-tico, João, protagonista do romance, passou a ser chamado de Tiquinho. Ele é apresentado como um menino tímido, sensível e profundamente atravessado por paixões desde muito cedo. A narrativa se move a partir de sua relação com Abel, que se tornará o eixo afetivo e emocional da história.

Abel surge como o pupilo de (termo equivalente a Tiquinho), encarregado de ser seu “anjo”. No seminário, o anjo é o estudante mais antigo encarregado de receber o novato e ensiná-lo a sobreviver naquele ambiente, orientando-o sobre cada rotina, cada obrigação e cada regra implícita. É nesse encontro inicial que Tiquinho vê Abel pela primeira vez: “As

pernas lhe tremiam, quando defrontou-se com seu pupilo. Não havia visão, mas sim um jardineiro espanhol indiscutivelmente em carne e osso” (Trevisan, 2024, p. 108). O impacto é imediato e avassalador. Tiquinho se apaixona por Abel no instante em que o vê, chegando a compará-lo à própria figura de Jesus Cristo. A narrativa traduz esse deslumbramento por meio de uma imagem em que o sagrado é atravessado pelo desejo e convertido em linguagem erótica: “Um Jesus Cristo de olhos ligeiramente amendoados, cabelos muito negros, corpo ereto, feições bondosas e um vigoroso brilho no olhar” (Trevisan, 2024, p. 109).

O que se constrói, assim, é uma sobreposição entre devoção e atração, na qual a figura religiosa serve de molde simbólico para expressar um erotismo profundamente humano. O romance acompanha o despertar erótico dos dois adolescentes em um ambiente que proíbe e vigia qualquer manifestação corporal, fazendo com que cada gesto e cada aproximação sejam vividos sob o signo do risco e do segredo. Quando o desejo finalmente se consuma, ele é narrado em uma linguagem que mistura o sagrado e o profano, como se o encontro dos corpos assumisse a forma de uma espécie de comunhão profana, marcada por um êxtase que remete, paradoxalmente, tanto à experiência mística quanto à experiência erótica. Tiquinho mergulha nas sensações do corpo de Abel com uma intensidade que aproxima o ato sexual de uma vivência quase religiosa, na qual prazer, devoção e transgressão se confundem:

- Porque acordou espantado, certa noite, com alguém entrando debaixo dos seus lençóis. O espanto transformou-se em incalculável felicidade quando sentiu o cheiro conhecido e a proximidade quente do corpo de Abel - corpo até ali apenas pressentido, jamais tocado. Tiquinho não fez perguntas, nem Abel disse nada, enquanto se abraçavam formando um só, como a Santíssima Trindade. (Trevisan, 2024, p. 127)

Essa experiência, no entanto, não se sustenta sem conflitos. O amor entre os dois é atravessado por ciclos de aproximação e afastamento, de paixão e ressentimento, nos quais a culpa católica desempenha um papel central. Em Tiquinho, o desejo frequentemente se converte em angústia, isolamento e sofrimento psíquico, como se cada momento de entrega fosse seguido pela necessidade de punição e recolhimento. O romance constrói, assim, não apenas uma história de amor, mas também o retrato de uma subjetividade dilacerada entre a força do desejo e o peso de uma formação religiosa que insiste em nomeá-lo como falta, erro ou pecado.

Nesse sentido, o erotismo não surge em oposição ao sagrado, ele nasce dentro/a partir dele, usando suas imagens e seus símbolos como forma de expressão. A figura de Cristo, ligada à pureza e ao sacrifício, é deslocada para o campo do corpo desejado e passa a servir de apoio para uma fantasia que eleva e desestabiliza quem deseja. O desejo encontra, assim, na linguagem religiosa um modo de se dizer, mas esse mesmo gesto traz consigo um mal-estar, já que o objeto amado é pensado a partir de um modelo que deveria permanecer intocado.

Essa sobreposição permite observar como, no romance, a experiência amorosa é narrada a partir de um repertório cristão. E, mais uma vez, o seminário aparece como o espaço que contribui para a produção das próprias imagens e experiências pelas quais o desejo pode ser nomeado e figurado. Desse modo, o corpo de Abel não é apresentado como um corpo qualquer, ele aparece descrito sob a forma de uma figura sagrada deslocada para o campo da paixão humana. É dessa aproximação entre idealização religiosa e desejo que a narrativa extrai parte de sua intensidade, fazendo com que o encontro amoroso seja inscrito numa zona de ambiguidade entre devoção e atração.

A relação dos dois cresce em segredo o enredo se desenvolve dentro desse território emocional, onde convivem contradições, culpa e um desejo que nunca encontra espaço seguro. Para o protagonista, o amor aparece como promessa de salvação e, ao mesmo tempo, como ameaça constante.

Mais uma vez, o próprio ambiente do seminário intensifica esse turbilhão:

No caso, essas paixões adolescentes concentravam-se em doses ainda mais fortes por estarem contidas dentro de muros altos, onde só se podia sair em ocasiões muito especiais; a realidade estava toda ali. A esses elementos propriamente físicos e fisiológicos, acrescenta-se um dado francamente místico: tratava-se de sessenta meninos encerrados dentro de muros também espirituais, onde se vivia primordialmente para Deus. (Trevisan, 2024, p. 26)

A história é narrada em primeira pessoa, o que confere à obra um tom íntimo, como se Tiquinho abrisse espaço para explorar o que ainda o inquieta. A narrativa sugere tensões relacionadas à construção de identidade e à incerteza sobre o próprio caminho, sempre acompanhadas por um sentimento de medo que atravessa sua experiência. Quando retorna ao seminário onde viveu na juventude, ele reencontra lembranças marcadas por emoção, conflito e uma busca por sentido. Esse retorno desencadeia um processo de investigação interior guiado pela memória, aproximando o leitor de suas tentativas de reorganizar o passado para compreender o que ainda permanece sem nome.

Há um menino no começo de tudo. Intensa lembranças dos tempos em que eu era apenas Tiquinho. Estremeço. Sinto vestígios do meu centro vulcanico. Eu quase tinha me esquecido. A verdade é que fui colocando pedras sobre esse menino e Tiquinho acabou soterrado. Forçosamente, faço aqui minha pesquisa arqueológica. Algo volta a respirar dentro de mim. Perfumes penetrantes. (Trevisan, 2024, p. 19)

O trecho constrói uma cena de volta ao passado que ganha um tom quase tátil, como se o narrador se aproximasse lentamente de partes de si que ficaram escondidas. A imagem do “menino no começo de tudo” funciona como ponto de partida dessa busca, evocando um eu inicial que retorna ampliado pela carga emocional das lembranças. Quando surge o nome “Tiquinho”, o texto sugere uma tentativa de recuperar uma identidade antiga, marcada por sensações que ainda estremece o presente.

A metáfora do soterramento indica um processo de afastamento que o próprio narrador reconhece de modo hesitante, quase como quem percebe os efeitos de ter deixado certas experiências em suspenso. A pesquisa arqueológica que ele diz realizar parece simbolizar esse esforço de escavar camadas internas, um movimento de aproximação cuidadosa do que foi deixado para trás e que, de algum modo, continua vivo e o faz conseguir respirar, afinal.

Esse retorno ao passado, articulado pela metáfora da “pesquisa arqueológica”, conclui-se como um gesto de reconciliação entre memória e identidade. Ao visitar o menino que foi e desenterrar camadas afetivas e emocionais há muito soterradas, o narrador reintegra partes de si que permaneceram ocultas ou reprimidas. A cena evidencia que a identidade é construída em diálogo constante com o passado, e que a memória funciona como espaço de reencontro e reconfiguração do eu, permitindo que experiências antigas continuem a pulsar no presente e a nutrir novas formas de existência.

No contexto do seminário, espaço marcado por rígidos códigos de conduta e vigilância, Trevisan articula a dupla jornada de Tiquinho: por um lado, seu esforço para adaptar-se às normas institucionais e, por outro, a emergência de uma relação afetiva homoerótica com Abel. Esse vínculo, desenvolvido à margem das expectativas morais vigentes, coloca em relevo as tensões entre desejo e disciplina, entre a afirmação da individualidade e os mecanismos de controle social. Através de uma escrita analítica e sensível, o autor explora as possibilidades de resignificação afetiva que persistem mesmo sob coerção.

Foucault estabeleceu um novo paradigma na filosofia e nas ciências humanas ao redefinir o papel da sexualidade na cultura ocidental. Ao afastar-se de abordagens essencialistas ou biologizantes, que concebem a sexualidade como impulso natural ou dimensão inata da condição humana, Foucault propõe uma análise genealógica na qual a sexualidade é entendida como um dispositivo histórico. Tal dispositivo exerce uma função produtiva: constitui realidades, modela corpos, organiza prazeres e forja subjetividades.

Nesse sentido, Foucault aborda inicialmente a crítica à chamada "hipótese repressiva", segundo a qual a sociedade moderna, especialmente sob a influência da moral vitoriana e da ética burguesa, teria imposto o silêncio sobre a sexualidade:

Denominar o sexo seria, a partir desse momento, mais difícil e custoso. Como se, para dominá-lo no plano real, tivesse sido necessário, primeiro, reduzi-lo ao nível da linguagem, controlar sua livre circulação no discurso, bani-lo das coisas ditas e extinguir as palavras que o tornam presente de maneira demasiado sensível. Dir-se-ia mesmo que essas interdições temiam chamá-lo pelo nome. Sem mesmo ter que dizê-lo, o pudor moderno obteria que não se falasse dele, exclusivamente por intermédio de proibições que se completam mutuamente: mutismos que, de tanto calar-se, impõe o silêncio. Censura. (Foucault, 1999, p. 21)

Foucault contesta essa narrativa ao evidenciar que, desde o século XVII, ocorreu uma verdadeira proliferação discursiva sobre o sexo. Longe de ser suprimido, o sexo passou a ser objeto de incessante exame, classificação e regulação por diversas instituições, entre elas, a religião, a medicina, a psiquiatria, a pedagogia e o direito. O ritual cristão da confissão desempenha, nesse contexto, papel inaugural: ao exigir dos fiéis a verbalização detalhada de seus desejos e atos "carnalmente" orientados, converteu o sexo em segredo íntimo e, simultaneamente, em ponto privilegiado para a produção da verdade do sujeito.

(...) durante muito tempo, alguns, como Sanchez ou Tamburini, acreditavam ser indispensável para que a confissão fosse completa: posição, respectiva dos parceiros, atitudes tomadas, gestos, toques, momento exato do prazer - todo um exame minucioso do ato sexual em sua própria execução. A descrição é recomendada cada vez com mais insistência (...) (Foucault, 1999, p. 22)

Esse processo de discursivização foi aprofundado, no século XIX, por meio da medicalização e patologização da sexualidade. Foucault identifica como a ciência médica e psiquiátrica instituiu categorias como "homossexualidade", "sadismo", "masoquismo" e "histeria", convertendo práticas em identidades e variações do desejo em desvios patológicos.

A homossexualidade, por exemplo, deixa de ser considerada um comportamento eventual para ser concebida como uma essência interior, um tipo específico de pessoa. Dessa maneira, o dispositivo da sexualidade produz figuras sociais determinadas, operando um mecanismo de normalização e exclusão que viabiliza o controle sistemático dos corpos e das populações.

Philippe Ariès, em seu texto *Reflexões sobre a história da homossexualidade*, ressalta a ideia de que a homossexualidade foi criada como categoria a partir do século XIX. Isso não significa afirmar que práticas entre pessoas do mesmo sexo não existissem antes, mas que elas eram compreendidas de outro modo, mais como “comportamentos homossexuais” ligados a certas idades e a certas circunstâncias:

Como ressalta Paul Veyne, sabemos que a Antiguidade clássica não apresenta uma homossexualidade oposta a uma heterossexualidade, mas uma bissexualidade cujas manifestações pareciam comandadas pelo acaso dos encontros e não por determinismos biológicos. (Ariès, 1979-1980 p. 80)

A partir do momento em que o mundo ocidental passa a se apoiar em uma concepção fortemente marcada pelo cristianismo, instaura-se outra forma de leitura dessas práticas. É nesse contexto que se estabelece a noção de “sodomia”, termo que passa a reunir diferentes condutas sob a ideia de uma relação “contra a natureza”. Nesse quadro, apenas formas específicas do que entendemos como heterossexualidade para fins reprodutivos é admitida como prática legítima, enquanto as demais são rejeitadas e lançadas no amplo campo das perversidades, todas tratadas como pecado.

Ariès discorre sobre como, a partir dessas concepções forjadas no interior do cristianismo, a Igreja passou a fomentar um arquétipo para os homossexuais, definindo-os como o efeminado, um homem-mulher. Esse tipo de anomalia, reconhecida pela Igreja, acabou sendo retomado pela medicina a partir do final do século XVIII, quando a homossexualidade passou a ser tratada como uma enfermidade e a ser identificada por meio de exames clínicos. É nesse contexto que se insere a seguinte descrição:

Os médicos haviam aprendido a detectar o homossexual, o qual, entretanto, se escondia. O exame do ânus, ou do pênis bastava para desmascará-los. Apresentavam deformidades específicas, como os judeus circuncidados. Constituíram uma espécie de etnia, ainda que suas características específicas fossem adquiridas pelo uso, mais do que determinadas pelo nascimento. (Ariès, 1979-1980, p. 81)

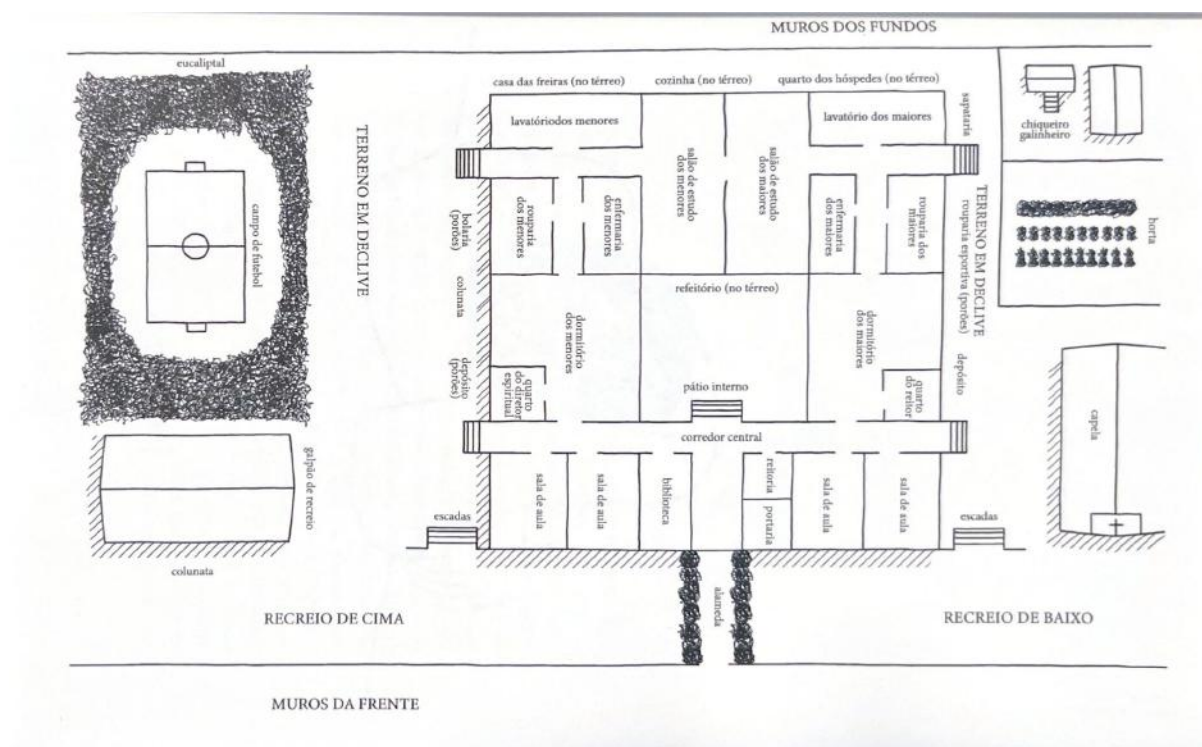
É justamente esse longo processo de classificação e moralização dos corpos que permite compreender o ponto levantado por Foucault, para ele o poder não opera apenas como força repressiva; ele é, sobretudo, produtivo. O dispositivo da sexualidade, ao mesmo tempo em que vigia, classifica e normatiza, também engendra formas de prazer, tipos de saber e modos de subjetivação. A categoria do “homossexual”, embora inicialmente formulada de maneira discriminatória, acabou por oferecer um ponto de ancoragem identitária que possibilitou o surgimento de movimentos políticos organizados em torno dessa identidade, a partir dos quais se reivindicaram reconhecimento e direitos. Assim, o poder não apenas proíbe, mas incita, suscita e orienta o desejo.

Desse modo, Foucault demonstra que a sexualidade não é um dado natural, mas uma experiência historicamente construída, um jogo de verdade no qual nos constituímos como sujeitos éticos e políticos. Seu objetivo não é libertar uma suposta "sexualidade autêntica" oprimida por estruturas repressivas, mas desnaturalizar os dispositivos que nos levam a crer que nossa identidade mais profunda está ancorada na sexualidade. Ao historicizar esse dispositivo, Foucault abre espaço para práticas de resistência que questionam as normas estabelecidas e possibilitam a invenção de novas formas de relação com o corpo, o prazer e o desejo. A sexualidade, nesse sentido, deixa de ser um destino ou essência para tornar-se um campo de lutas, de criação e de experimentação ética.

Os conceitos de Foucault em *A história da sexualidade* orientam a leitura, na medida em que permitem compreender com maior precisão a tensão entre assujeitamento e o que Foucault chama de “tornar-se gay”(1984), e essa chave interpretativa ilumina também o modo como determinadas instituições organizam e regulam os corpos. No romance, o seminário exemplifica essa estrutura simbólica e material de vigilância, funcionando como um aparelho de disciplinamento. É esse aspecto que pretendemos desenvolver a partir de agora.

Capítulo 2: A arquitetura do desejo

Imagem 1: Seminário



(Trevisan, 2024, p. 11)

A própria arquitetura da instituição já anuncia sua lógica de separação e vigilância: “Entre os lavatórios, de cada lado, encontravam-se os salões de estudo dos Maiores e dos Menores, interligados por uma única porta que raramente se abria, para não permitir misturas perigosas, conforme se dizia” (Trevisan, 2024, p. 18). Esse dispositivo espacial, somado à rotina cuidadosamente planejada e às práticas permanentes de monitoramento, produz um ambiente no qual os seminaristas são continuamente observados, controlados e submetidos a códigos de conduta destinados a moldar não só seus gestos, mas também seus afetos e desejos. Essa lógica de vigilância se materializa, por exemplo, na própria escolha e na função dos prefeitos de Disciplina:

A cada seis meses, o Reitor nomeava novos titulares para o cargo, (...) Os prefeitos eram investidos da mesma autoridade dos Padres Superiores (...) para sair do recreio obrigatório da noite devia-se pedir licença a um dos Prefeitos; era necessário pedir licença até mesmo para ir à capela fazer visitas ao Santíssimo espontânea (...) (Trevisan, 2024, p. 35–36)

O que se evidencia, assim, é a presença de um controle minucioso do cotidiano, no qual até os movimentos mais simples passam pelo crivo da autoridade, reforçando a interiorização da obediência e da vigilância como parte da própria experiência formativa.

Foucault descreve esse mecanismo como parte do olhar panóptico, um regime no qual os corpos são regulados e adestrados para se tornarem dóceis; essa lógica aparece no romance como uma força que captura e organiza a experiência subjetiva, reforçando o assujeitamento e reduzindo a possibilidade de diferenciação. Isso se explicita, por exemplo, no modo como a disciplina é apresentada no discurso do Reitor, a cena evidencia como o poder disciplinar atua na produção de um ideal normativo de masculinidade:

“Em suas palestras mensais (o Reitor), referia-se frequentemente à disciplina como um instrumento para forjar homens com H maiúsculo - e com isso queria dizer “homens-machos”. Naturalmente, manifestava desgosto pelos meninos demasiado delicados e desprezava os mariquinhas (...)” (Trevisan, 2024, p. 74-75)

Ao discutir o assujeitamento como adesão a identidades fixas, a códigos morais e a verdades interiores tidas como determinantes, ela mostra como certas instituições se dedicam a bloquear vínculos afetivos intensos, padronizar comportamentos e interditar formas de vida que escapem ao esperado. O seminário do romance manifesta essa racionalidade disciplinar: trata-se de um espaço em que o sujeito é convocado a se conformar a uma identidade prescrita, a uma moral estável e a uma forma estreita de existência.

Em contraste, o tornar-se gay oferece outra via: em vez de buscar uma verdade secreta sobre quem se é, trata-se de criar um modo de vida que abra espaço para diferenciação, invenção e liberdade.

O movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A liberdade é algo que nós mesmos criamos — ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, por meio deles, instauram-se novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa. (Foucault, 1984, p. 260)

Essa perspectiva permite reler o romance como uma narrativa que, ao expor o funcionamento do seminário, também evidencia o esforço de seus personagens para escapar à repetição de um modelo disciplinar. A sexualidade, nesse contexto, deixa de ser objeto de decifração ou confissão e torna-se campo de experimentação ética, estética e relacional. Práticas que ampliam o uso do corpo e da imaginação surgem como formas de produzir

novos prazeres e novos modos de existir. Um movimento que se afasta do assujeitamento e se aproxima de um tornar-se gay. A reflexão de Foucault sobre o S/M ajuda a esclarecer esse ponto, quando ele afirma:

Eu penso que o S/M é mais que isso, é a criação real de novas possibilidades de prazer, que não se tinha imaginado anteriormente. (...) Eu acredito que temos uma forma de criação, de depósito de criatividade, dos quais a principal característica é o que chamo de dessexualização do prazer. (...) O que essas práticas de S/M nos mostram é que nós podemos produzir prazer a partir dos objetos mais estranhos, utilizando certas partes estanhas do corpo, nas situações mais inabituais, etc. (Foucault, 2004, p. 264)

O que está em jogo, portanto, é uma concepção de sexualidade que se desloca do eixo da norma e da identidade fixa para se afirmar como espaço de invenção de si, no qual o sujeito deixa de ser apenas efeito de dispositivos disciplinares e passa a se experimentar como obra em processo.

Assim, em *Em nome do desejo* encarna a rigidez do assujeitamento, enquanto o tornar-se gay projeta a possibilidade de uma vida que se reinventa continuamente, orientada pela invenção de relações, afetos e modos de viver que escapam às normas impostas.

Desse modo, cabe lembrar que o romance opera também uma reapropriação de imagens e arquétipos católicos, inserindo-os em um horizonte que problematiza a moral rígida do seminário. Referências como o mandamento “que vos amei uns aos outros, como eu vos amei” são deslocadas de seu contexto normativo e reaparecem como possibilidades de releitura da ética cristã, agora aberta à experiência homoafetiva vivida pelos jovens:

O caso mais alarmante de mistério era amar o próximo sobre todas as coisas sem ficar apaixonado por ele nem poder passar o dia inteiro com ele (...), justamente porque ele era amado o tempo todo e acima de todas as outras coisas, conforme Jesus tinha dito - “que vos amei uns aos outros, como eu vos amei” (Trevisan, 2024, p. 27)

Esse gesto literário não funciona como mera tentativa de justificar moralmente uma relação proibida; ele atua como inversão simbólica que faz vibrar, dentro do próprio imaginário religioso, uma ética do cuidado e da reciprocidade que escapa ao regime disciplinar.

Quando observamos essa estratégia narrativa a partir dos conceitos discutidos em *A história da sexualidade*, ela aparece com mais clareza. Se o assujeitamento opera por meio de normas rígidas e códigos morais que pretendem definir a verdade do sujeito, a apropriação criativa desses arquétipos cristãos funciona como um gesto de deslocamento: signos que

antes serviam ao controle passam a alimentar o processo de um tornar-se gay. Trata-se de transformar elementos do imaginário religioso em materiais para a construção de um modo de vida singular, aberto ao cuidado de si e à experimentação de novos vínculos. O romance aponta, assim, para a possibilidade de compreender o desejo e a experiência erótica não como desvios silenciados pela culpa, mas como formas de relação, invenção e abertura a outros modos de existir.

Ao reconfigurar símbolos cristãos e reinscrevê-los na trama de amizades intensas e do desejo entre os seminaristas, o romance expõe o funcionamento do poder disciplinar que organiza aquele espaço e, ao mesmo tempo, mostra como os próprios elementos desse universo podem ser convertidos em práticas éticas de afirmação e criação de vida.

No caso da obra de Trevisan, pode-se perceber que a vigilância parece não se limitar ao controle dos comportamentos cotidianos, mas também atuar no sentido de anular ou redirecionar os impulsos sexuais dos jovens. Os dispositivos de poder são representados, possivelmente, na organização de horários rígidos, em exercícios físicos extenuantes, em práticas de penitência e até mesmo em inspeções corporais realizadas pelos religiosos no comando. Apesar desse esforço disciplinador, a narrativa mostra que o desejo persiste, encontrando brechas nos espaços escondidos e nos momentos de clandestinidade. O romance, portanto, evidencia o paradoxo do controle: quanto mais se tenta silenciar o corpo, mais ele encontra formas de resistência.

Nesse sentido, a condução da narrativa pela voz de Tiquinho é essencial para a compreensão do processo de construção identitária. Ao revisitar suas lembranças do seminário, o narrador procura compreender o sentido de seu desejo por Abel e, ao mesmo tempo, resgatar um passado que o marcou profundamente. A memória aparece como campo de criação e recriação, em que o narrador reflete sobre si mesmo e sobre as experiências vividas.

No vínculo entre Tiquinho e Abel apresentado no romance, o homoerotismo é vivido como descoberta, mas também como conflito, já que o amor entre os dois jovens é constantemente atravessado pelo peso da repressão religiosa e do preconceito social. Esse processo de autoquestionamento é central para a obra, pois mostra como a identidade sexual não é algo dado, mas sim construído no embate entre desejo, memória e normatividade. Ao narrar sua história, Tiquinho reescreve sua subjetividade no presente.

Outro aspecto relevante do romance é a forma como o seminário tenta moldar os jovens de acordo com um modelo de masculinidade rígido, baseado na virilidade, na força física e na negação da afetividade. O processo formativo no seminário parecia orientar-se por práticas que reprimiam qualquer manifestação de prazer e, ao mesmo tempo, legitimavam formas de violência simbólica e física. Para isso, recorriam a atividades esportivas, trabalhos manuais exaustivos e até mesmo a exercícios de caráter humilhante, com o objetivo de moldar os alunos segundo um modelo de masculinidade idealizado.

Desse modo, a própria organização do cotidiano e a convivência com violências entre os jovens mostravam que aqueles que destoavam da heteronormatividade eram alvo de punições físicas e verbais. Apelidos depreciativos e humilhações públicas funcionavam como instrumentos de controle social, destinados a estigmatizar aqueles que se afastavam do padrão esperado e a torná-los alvos mais fáceis de vigilância e exclusão.

No romance, essa homofobia é retratada de maneira contundente: jogos violentos, como o “garrafão”, e as chacotas dirigidas ao grupo da “Passarada” revelam como a instituição reforçava hierarquias de gênero e sexualidade. Enquanto Abel conseguia assumir o papel socialmente reconhecido como “macho”, Tiquinho era frequentemente colocado no lugar de subalternidade, comparado a uma “mulherzinha”, o que evidencia a presença de misoginia como base da homofobia:

“A mesma entre o macho (Abel) e a fêmea (Tiquinho), cposa que o torturava e enchia de ressentimentos. Por exemplo, temia muito compreensivamente que Abel o deixasse de amar e não o respeitasse mais ao comprovar que seu amigo não passava de um fresquinho.” (Trevisan, 2024, p.150)

Um dos pontos mais instigantes do romance é a forma como erotismo e espiritualidade se entrelaçam. Ao mesmo tempo em que a instituição religiosa busca anular os desejos por meio de práticas como o silêncio, a confissão e a penitência, o texto mostra como essas mesmas estratégias acabam estimulando ainda mais o desejo.

No caso de Tiquinho, essa tensão é evidente: por um lado, ele busca compreender sua paixão à luz da fé cristã; por outro, vê-se constantemente atraído por Abel em momentos que misturam devoção e desejo. Essa ambiguidade é reforçada pela forma como o romance aproxima a figura de Abel da imagem de Cristo, sugerindo que o amor vivido entre os dois jovens não pode ser facilmente enquadrado na lógica do pecado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo de *Em Nome do Desejo*, de João Silvério Trevisan, revela como o romance articula sexualidade, cristianismo e identidade, oferecendo um retrato complexo da construção subjetiva em contextos de disciplina e repressão moral. A obra vai além da narrativa de um romance homoafetivo, inserindo essa experiência em uma rede simbólica que questiona o imaginário religioso, reposiciona o desejo em relação à ética e ao poder e mostra como a literatura pode atuar como espaço de reflexão crítica e criação simbólica.

A trajetória de Tiquinho no seminário evidencia o modo como instituições rígidas moldam sujeitos por meio de regras, vigilância e correções constantes. A organização espacial, os exercícios de disciplina e a supervisão minuciosa dos corpos funcionam como mecanismos de controle que orientam comportamentos e afetos, exemplificando a produção de subjetividades descrita por Foucault. Ao mesmo tempo, essas estruturas criam zonas de ambiguidade, onde o desejo surge, se expressa e desafia os códigos institucionais, mostrando que a repressão também produz intensidades afetivas, modos de sentir e formas de relação com o próprio corpo.

A relação entre Tiquinho e Abel destaca a capacidade do romance de reaproveitar símbolos religiosos como instrumentos de expressão do desejo. Arquétipos cristãos, tradicionalmente associados à pureza e ao sacrifício, são deslocados para o campo da experiência homoafetiva, gerando um espaço em que devoção e paixão coexistem. Essa articulação reforça a densidade afetiva da narrativa e evidencia como a literatura transforma símbolos historicamente opressivos em ferramentas para afirmação identitária e para experimentação de modos inéditos de existência.

A memória e a narração assumem papel central na constituição do sujeito. Ao revisitar suas lembranças, o narrador realiza um processo de investigação íntima, quase arqueológica, das camadas emocionais e morais de sua experiência. A memória atua como espaço de criação de sentidos, reorganizando a subjetividade e revelando a dimensão ética, estética e política do recordar. A narrativa em primeira pessoa confere intimidade e permite acompanhar o percurso de autocompreensão de Tiquinho, mostrando como a literatura pode transformar o ato de recordar em prática de invenção de si.

A perspectiva foucaultiana reforça a compreensão desses processos. Ao tratar a sexualidade como dispositivo histórico e produtivo, capaz de gerar saberes, prazeres e formas de subjetivação, Foucault ilumina o funcionamento do seminário como espaço de assujeitamento, mas também como terreno fértil para experiências que escapam ao controle normativo. O conceito de “tornar-se gay” evidencia a tensão entre a adesão a códigos rígidos e a criação de modos singulares de existência, mostrando que o desejo pode reinventar-se mesmo sob regimes de disciplina intensa.

Além disso, o romance dialoga com contextos históricos e sociais amplos. Publicado em período de regime militar e conservadorismo, *Em Nome do Desejo* assume dimensão política ao dar visibilidade a experiências homoafetivas e desafiar normas sociais e religiosas que buscavam silenciá-las. A narrativa combina análise histórica, reapropriação simbólica e ficção literária, mostrando como a literatura atua como prática de resistência, abrindo caminhos para reflexão crítica sobre poder, moralidade e identidade.

Em síntese, o romance demonstra que a construção do sujeito homoafetivo se dá na interseção de disciplina e criação, culpa e experimentação, passado e presente. Elementos como o seminário, a memória e os símbolos religiosos funcionam como instrumentos para compreender como identidades são produzidas, negociadas e reinventadas. Trevisan oferece uma narrativa que articula crítica social, ética e estética, revelando que o desejo homoafetivo pode encontrar formas de afirmação mesmo em contextos de intensa vigilância.

Em Nome do Desejo não se limita a contar uma história de amor: ele mostra a literatura como espaço de invenção de si, onde símbolos opressivos se transformam, e o sujeito emerge da tensão entre normas e criatividade, entre controle e liberdade. A obra ilumina o potencial da ficção de explorar as interações entre sexualidade, poder, memória e identidade, reafirmando seu valor para a compreensão da experiência humana e da literatura brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe, Sexualidades Ocidentais Contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade, Tradução de Lygia Araújo Watanabe e Thereza Christina Ferreira Stummer, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

BOOKSTER. DARIA UM LIVRO| Conversa com João Silvério Trevisan. Youtube, 31 Jan. 2024. 1h3min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VWTK5KWL Tec&t=28s>. Acesso em 6 Jan. 2026.

FOUCAULT, Michel. Introdução de A História da Sexualidade I, Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque, Rio de Janeiro, edições Graal, 1999.

TREVISAN, João Silvério. Em nome do desejo. 4.ed - Rio de Janeiro, Record, 2024.